

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

FABIANA PIRES DA SILVA

**A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL, CULTURAL E SUAS REPERCUSSÕES
NO AMBIENTE ESCOLAR**

Porto Alegre

2010

FABIANA PIRES DA SILVA

**A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL, CULTURAL E SUAS REPERCUSSÕES
NO AMBIENTE ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em
Pegagogia, pela Faculdade de Educação
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul – FAGED/UFRGS.

**Orientador (a): Prof. Dr. Jaime José
Zitkoski**

Tutor (a): Gerson Luiz Millan

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto
Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann
Pró-Reitora de Graduação: Profa. Valquiria Link Bassani
Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll
**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia –
Licenciatura na modalidade a distância/PEAD:** Profas. Rosane
Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aluna: Fabiana Pires da Silva

**Título: A Diversidade Étnico-racial, Cultural e suas Repercussões no
Ambiente Escolar**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia a distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: ____/____/____

*Dedico este trabalho a Deus,
aos meus pais, ao meu marido
as minhas irmãs e aos meus filhos.*

*Não importa se teremos tempo suficiente para vermos mudadas
as coisas e pessoas pelas quais lutamos, mas sim, que façamos
a nossa parte, de modo que tudo se transforme a seu tempo.*

Madre Tereza de Calcutá

RESUMO

O presente trabalho reflete sobre como foram e são construídas as relações raciais dentro do espaço escolar e como elas contribuem para a formação de uma comunidade voltada à promoção da igualdade de direitos. Investiga de que forma os professores da EMEF Sen. Salgado Filho auxiliam na busca para a formação de uma educação voltada a esse fim. A metodologia utilizada foi a pesquisa de campo realizada com alunos e professores, a fim de compreender como está se efetivando o desenvolvimento da Lei 10639/2003 na escola, o conhecimento dos professores sobre tal Lei, a identificação ou não de práticas discriminatórias das questões étnico-raciais, e especialmente a mudança de postura dos alunos do 5º ano (9)B, após o projeto África desenvolvido durante primeiro semestre de 2010. Para alcançar tais objetivos, reportou-se aos estudos de Paulo Freire, principalmente no que se refere à rejeição a qualquer forma de discriminação e à interdisciplinarização das questões étnico-raciais na educação.

Palavras-chave: Diversidade. Discriminação. Igualdade de direitos.

ABSTRACT

This paper reflects on how were and how are built the racial relationships within the school space and how they contribute to the formation of a community towards the promotion of the equal rights. It investigates how teachers, from EMEF Sen. Salgado Filho School, aid in the search to the building of an education towards the equal rights. The methodology was based on a field research carried out with students and school teachers, in order to understand how the development of the Law 10639/2003 is going on within the school; if the teachers are aware of such Law; and, to indentify or not discriminatory actions of the ethno-racial issues, and, mainly, the changing of attitude of the 9(B)-fifth-grade students, after the Africa project has been developed during the first term in 2010. To achieve such goals, the paper reports to Paulo Freire's studies, especially as regards the rejection of any form of discrimination and, as well, the interdisciplinary ethno-racial issues in education.

Key-words: Diversity. Discrimination. Equal rights.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EMEF - Escola Municipal de Ensino Fundamental

ONU - Organização das Nações Unidas

PPP - Projeto Político Pedagógico

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

SEN. SALGADO FILHO - Senador Salgado Filho

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Atitudes de discriminação racial na escola.....	24
Figura 2: Posicionamento dos professores frente a situação	25
Figura 3: Alunos que já estudaram história e cultura afro-brasileira em anos anteriores	26
Figura 4: Aprendizagens mais significativas no projeto África.....	27
Figura 5: Professores que já presenciaram atitudes de discriminação racial na escola.....	32
Figura 6: Posicionamento da escola sobre questões étnicos-raciais	33
Figura 7: Intervenção pedagógica em casos de discriminação	34
Figura 8: Conhecimento da Lei 10.639/2003.....	35
Figura 9: Obrigatoriedade da Lei 10.639/2003	36
Figura 10: Reflexões acerca das questões étnico-raciais e da escravidão nas aulas.....	37

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	A LEI 10639/2003 E A VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA.....	14
3	O PROJETO ÁFRICA LANÇANDO UM OLHAR PARA O CURRÍCULO.....	17
4	PESQUISA COM ALUNOS: A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL E CULTURAL SOB A ÓTICA DAS CRIANÇA.....	21
4.1	Atitudes de Discriminação Racial na Escola.....	23
4.2	Atitude dos Professores Frente à Discriminação Racial.....	25
4.3	Conhecimento e Estudo Acerca da História e Cultura Afro-Brasileira e Anos Anteriores.....	26
4.4	Aprendizagens mais Significativas Durante o Projeto África.....	27
5	A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL E CULTURAL SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES.....	29
5.1	Atitudes de Discriminação Racial na Escola.....	31
5.2	Posicionamento da Escola Frente a Atitudes Discriminatórias.....	33
5.3	A intervenção Pedagógica nos Casos de Discriminação.....	34
5.4	O Conhecimento da Lei 10639/2003.....	35
5.5	A Obrigatoriedade da Lei 10639/2003.....	36
5.6	Reflexões Acerca das Questões Étnico-Raciais e da Escravidão nas Aulas.....	37
5.7	Diminuição da Desigualdade a Partir da Lei.....	38
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS.....	42
	ANEXO A – A PESQUISA COM ALUNOS.....	44
	ANEXO B – A PESQUISA COM PROFESSORES.....	46

1 INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira é fruto de uma intensa pluralidade étnica, oriunda de um processo histórico, o qual deu origem a uma sociedade multifacetada, marcada por diferentes costumes, crenças e tipos físicos.

Todas essas diferenças étnicas acentuadas acabaram gerando uma situação de hierarquia, causando um grande fosso entre as pessoas e que ainda hoje se faz presente, especialmente entre os negros e indígenas, que permanecem sendo vítimas da exclusão social em vários âmbitos da sociedade.

Sendo assim, fica evidente que toda essa diversidade acabe por perpassar os muros da escola, entrando no currículo. É urgente abrir um espaço de reflexão para identificar as repercussões de toda essa diversidade dentro do ambiente escolar.

A influência da cultura africana no Brasil é tão intensa que, sem perceber, utilizamos expressões, ouvimos músicas, dançamos sem saber que na origem do que fazemos estão os africanos que ajudaram e muito na construção do nosso país. Eles estão na base da maioria de nossas manifestações culturais populares, no vocabulário, na gastronomia, no modo de vestir ou nos ritos religiosos.

No ano de 2010, os olhos do mundo foram voltados para o continente africano, pois pela primeira vez na história, a África do Sul foi o país sede da Copa do Mundo de Futebol. O estágio curricular por mim realizado com a turma do quinto ano B, da EMEF Sen. Salgado Filho, no período de onze de abril a onze de junho de 2010 e teve como principal objetivo formar cidadãos éticos, capazes de desenvolver e fortalecer espaços para a ação-reflexão no que se refere às questões étnico-raciais.

Para dar início ao projeto de estágio tivemos uma longa conversa sobre o que os alunos gostariam de aprender, quais eram seus conhecimentos prévios sobre o tema África e, especialmente, quais eram suas dúvidas sobre aquele continente tão misterioso.

Os alunos estavam muito interessados no tema futebol e, já que a Copa do Mundo 2010 estava começando, unimos a curiosidade como motivação para dar o pontapé inicial ao nosso trabalho.

Segundo Freire, “como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não *aprendo* nem *ensino*” (1996, p. 95).

Durante este trabalho, tivemos muitos momentos de aprendizagens significativas como, por exemplo, a forte influência africana na nossa cultura, como a língua, a religião, a escravidão que deixou muitas marcas; a forma com que os africanos foram obrigados a deixar suas terras para viverem escravizados num país distante em condições precárias de vida.

Foram inúmeras as descobertas durante este projeto de estágio, tanto para os alunos quanto para mim, na posição de professora-aluna. Em sintonia com as evoluções da atualidade, oportunistei aos alunos a realização de trabalhos de pesquisa através do uso das tecnologias, na qual os alunos tiveram a oportunidade de conhecer muito sobre o continente africano e especialmente responder as questões que estavam interessados em desvendar.

Os alunos vivenciaram, através do trabalho em grupo, o respeito pela opinião dos colegas, assim como a participação em pesquisas de diferentes fontes, como revistas, jornais e web. Tais habilidades adquiridas são extremamente importantes, pois os alunos as levarão pela vida afora.

Ao estudar a temática da história e cultura afro-brasileira, foi possível oportunizar o reconhecimento e a igualdade entre todas as pessoas que pertencem a diferentes grupos étnico-raciais, estabelecendo relações de respeito e oportunizando a compreensão dos fatos que unem o Brasil ao continente africano.

É preciso olhar para dentro da escola e especialmente o currículo e ver que histórias estão sendo produzidas neste espaço e como se constroem os sentidos de pertencimento e exclusão, assim como as fronteiras raciais e

étnicas entre os diferentes grupos sociais que ali interagem e estão representados.

A partir da pesquisa de campo realizado com alunos e professores, a qual deu origem a esse trabalho de conclusão de curso, busca-se compreender como foram e são construídas as relações raciais dentro do espaço escolar, e também como elas contribuem para a formação de uma comunidade voltada à promoção da equidade, da justiça sem preconceitos e da igualdade de direitos.

O primeiro capítulo aborda a efetivação da Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica das escolas públicas e privadas.

O segundo capítulo trata do Projeto África por mim desenvolvido durante o estágio e ainda lança um olhar sobre o currículo, abordando questões como racismo, preconceito e discriminação racial.

O terceiro capítulo traz os dados da pesquisa realizada com os alunos do quinto ano que participaram do projeto África, abordando temas como a discriminação racial, o posicionamento de seus professores e as aprendizagens mais significativas durante o desenvolvimento do projeto.

O quarto capítulo trata da diversidade étnico-racial e cultural sob a ótica dos professores, abordando seus conhecimentos sobre o tema, a efetivação da Lei 10.639/2003, assim como sua opinião sobre a obrigatoriedade da lei.

2 A LEI 10639/2003 E A VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA

O Brasil, por sua grande extensão territorial e numerosa população, configura uma imensa diversidade cultural. A disseminação cultural do Brasil teve muitas influências que passaram desde os colonizadores europeus, até a população indígena e os escravos africanos. Em seguida, os imigrantes alemães, japoneses, italianos, árabes, entre outros contribuíram ainda mais para a diversidade cultural brasileira em aspectos como a religião, a dança e a culinária.

Em razão de toda essa mistura, nosso país ainda apresenta diferentes peculiaridades culturais, como as festas populares de cunho religioso, entre elas a Festa do Divino no Sudeste, o Círio de Nazaré no Norte, ou mesmo as festas culturais herdadas dos imigrantes, como a Festa da Uva e a Oktoberfest, no Sul do país.

Por ser um país de imensa e miscigenada população, essa variedade cultural certamente aparece no ambiente escolar e deve ser abordada em sala de aula, pois os alunos não devem só ter o conhecimento de toda essa diversidade, mas principalmente devem aprender e respeitar todas essas manifestações.

Segundo Freire (1996), “qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar”. A educação problematizadora exige a superação da contradição educador-educando e o diálogo, em que ambos se tornam sujeitos do processo e crescem juntos em liberdade, procurando o conhecimento verdadeiro e a cultura da emergência das consciências para uma inserção crítica na realidade, na qual o homem não deve alienar o outro nas suas decisões, mas incentivá-lo a lutar pela sua emancipação no mundo.

A diversidade cultural deve ser um tema muito trabalhado em sala de aula, pois é conhecendo que se valoriza e não discrimina qualquer tipo de manifestação. Ao conhecer a origem de todos os tipos de manifestação cultural da pluralidade brasileira, o aluno desenvolverá um sentimento de pertencimento e valorização do país, fortalecendo ainda mais o processo de valorização das culturas locais.

Perrenoud (2000, p. 90) aborda que enfrentar o desafio de propor um ensino que respeite a cultura da comunidade significa constatar cada realidade social e cultural com a preocupação de traçar um projeto pedagógico para atender a todos sem exceção.

Face a pressão do Movimento Negro, em janeiro de 2003 o Governo Federal aprovou a Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica das escolas públicas e privadas.

Art. 1o A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1o O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3o (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

A partir dessa Lei, tornou-se obrigatório no currículo escolar a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição dos povos negros nas áreas sociais, econômicas e políticas pertinentes à História do Brasil.

A Lei 10.639/2003 é uma conquista da luta por uma sociedade mais justa e democrática. Ela aponta para a necessidade de práticas educativas que favoreçam um ambiente escolar onde a base seja o diálogo.

Apesar de estar acontecendo avanços nas discussões em prol do Negro na escola, isso não quer dizer que temos uma escola livre de exclusão e racismo. É preciso ressaltar que o maior mérito não está em obedecer a Lei, mas como a temática negra vem sendo ensinada e apresentada na escola: uma educação bancária ou libertadora.

No conceito de educação bancária, o educador adquire os conhecimentos e repassa aos alunos para que apenas ouçam, memorizem e copiem. Ela educa para a passividade, para formar massa de manobra, seres sem opinião.

Já no conceito de educação libertadora, defendida pelo mestre Freire, de caráter autenticamente reflexivo, implica no ato de desvelamento da realidade. Dessa forma, o educador já não é o que apenas educa, porém aprende junto com seus alunos.

É preciso refletir, então, como a escola pode ajudar a reverter o quadro de preconceito que prejudica a formação do verdadeiro cidadão. Segundo Munanga (2001), "não existe leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas". Essas atitudes são provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas, contudo, através da educação, é possível oferecer aos alunos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade existentes entre os diferentes grupos que compõem a nossa sociedade.

3 O PROJETO ÁFRICA LANÇANDO UM OLHAR PARA O CURRÍCULO

Durante o primeiro trimestre deste ano desenvolvi o estágio curricular obrigatório pela manhã, com os alunos do quinto ano “B”, na EMEF Sen. Salgado Filho em Novo Hamburgo. Ao realizar o estágio, tinha como objetivo principal formar cidadãos éticos, capazes de desenvolver e fortalecer espaços para a ação-reflexão no que se refere às questões étnico-raciais.

Inicialmente, estava bem insegura, embora atuasse em sala de aula há mais de quinze anos, estava em uma nova escola, atuando com uma faixa etária a qual eu não estava mais acostumada, no entanto, para minha agradável surpresa, a turma era extremamente comprometida, curiosa e especialmente apaixonada pelo uso do computador. Eram vinte e três alunos com idades variando entre nove e treze anos. Os alunos possuíam boa fluência verbal e escrita, poucos tinham dificuldades com o raciocínio lógico. Embora fossem um pouco barulhentos, costumavam ouvir a professora e realizar as atividades propostas.

O assunto estudado por meus alunos teve início com uma longa conversa sobre o que gostariam de aprender. Os alunos estavam muito interessados no tema futebol, já que a Copa do Mundo 2010 ocorreria na África do Sul. Iniciamos uma extensa lista de questões que gostariam de descobrir sobre o continente africano, de onde surgiram perguntas muito interessantes, que deram origem ao projeto África.

Confesso que inicialmente não me senti muito à vontade para trabalhar sobre o tema, uma vez que o desafio de trabalhar a problemática da convivência com a diversidade é enorme e, muitas vezes, os livros e outros materiais carregam conteúdo preconceituoso em relação a povos e culturas

não ocidentais, ou simplesmente omitem a sua existência. O cotidiano escolar diversas vezes acaba atendendo ao padrão dominante, já que nele se percebe a falta de visibilidade e reconhecimento dos conteúdos que envolvem a questão negra.

Durante as conversas iniciais com a turma, registrei algumas falas dos alunos tais como: “é feio dizer negro”, “a África me lembra o Haiti”, “como vai ter Copa do Mundo na África se lá se só tem pobreza”, “acho que nos rituais eles só fazem macumba”. Outros alunos ainda disseram que não se sentiam à vontade para dizer que uma pessoa é negra, preferindo chamá-la de “moreninha”. A partir dessas falas senti que era necessário conceituar palavras como racismo, preconceito e discriminação racial.

Diz Rufino *apud* Sant’Ana,

Racismo é a suposição de que há raças e, em seguida, a caracterização biogenética de fenômenos puramente sociais e culturais. É também uma modalidade de dominação, ou antes, uma maneira de justificar a dominação de um grupo sobre o outro, inspirada nas diferenças fenotípicas da nossa espécie (MUNANGA, 2001, p. 53).

Segundo Sant’Ana *apud* Munanga,

Preconceito é uma opinião preestabelecida, que é imposta pelo meio, época e educação”. Ele pode também ser definido como uma indisposição, um julgamento prévio. Em nossa sociedade aparecem preconceitos clássicos como “as sogras são chatas”, “os políticos são corruptos”, “mulher bonita é burra (2001, p. 54).

Segundo Munanga (2001), alguns de nós não recebemos na educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio da diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas.

Somos produtos de uma educação e que em função deste, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade (2001, p. 7).

Discriminação racial, segundo conceito estabelecido pelas Nações Unidas, “significa qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferências baseadas em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica” (Convenção da ONU/1996, sobre a eliminação de todas as formas de Discriminação racial).

Durante o desenvolvimento do estágio, tivemos muitos momentos de aprendizagens significativas como, por exemplo, a forte influência africana na nossa cultura, como a língua, a religião, a escravidão que deixou muitas marcas, a forma respeitosa com que os africanos tratam seus idosos e a valorização dos saberes do seu povo.

Ao estudar a temática da história e cultura afro-brasileira, foi possível oportunizar o reconhecimento e a igualdade entre todas as pessoas que pertencem a diferentes grupos étnico-raciais, estabelecendo relações de respeito e oportunizando a compreensão dos fatos que unem o Brasil ao continente africano. Em sintonia com as evoluções da atualidade, oportunizei aos alunos a realização de trabalhos de pesquisa através do uso das tecnologias.

Conforme Freire (1996), na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. “É pensando criticamente a prática de hoje ou a de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Foram inúmeras as descobertas durante o projeto de estágio, tanto para os alunos quanto para mim, enquanto professora-aluna. Os alunos vivenciaram, através do trabalho em grupo, o respeito pela opinião dos colegas, assim como a participação em pesquisas de diferentes fontes, como revistas, jornais e web. Tais habilidades adquiridas são extremamente importantes, as quais os alunos levarão pela vida afora.

Por várias vezes, como professora responsável pelo quinto ano, encontrava-me muito preocupada com a lista de conteúdos a ser vencida até o final do ano. Às vezes me pegava refletindo, “meus alunos deveriam estar estudando os conteúdos referentes ao Rio Grande do Sul e estamos do outro lado, lá na África”. No entanto, a resposta dada pelo entusiasmo da turma me fazia mudar logo de ideia e retomar o projeto sem culpa.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, um dos objetivos do ensino fundamental é conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.

A escola, ao tomar para si o objetivo de formar cidadãos capazes de atuar com competência e dignidade na sociedade, buscará eleger, como objeto de ensino, conteúdos que estejam em consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico, cujas aprendizagens são consideradas essenciais para que os alunos possam exercer seus direitos e deveres.

Para tanto, é necessário que a instituição escolar garanta um conjunto de práticas planejadas com o propósito de contribuir para que os alunos se apropriem dos conteúdos de maneira crítica e construtiva.

4 PESQUISA COM ALUNOS: A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL E CULTURAL SOB A ÓTICA DAS CRIANÇAS

Procurando ampliar minhas buscas sobre a diversidade sob a ótica das crianças, realizei uma pesquisa como forma de saber o que pensam os alunos sobre o assunto diversidade étnico-racial e cultural. Cada entrevistado respondeu as quatro questões que se encontravam em um guia de perguntas seguindo uma estruturação planejada.

Segundo Veiga (1998)

A escola é o lugar de concepção, realização e avaliação de seu projeto educativo, uma vez que necessita organizar seu trabalho pedagógico com base em seus alunos.¹

O projeto político pedagógico de uma escola objetiva a construção de um norte, deve ser elaborado na escola como um instrumento para consolidar as novas diretrizes da nova legislação da educação.

Sendo assim, exige-se pensar nos rumos da escola, quais são as suas tendências e quais alternativas buscar, priorizando uma educação de qualidade. Dessa forma, é inevitável a modernização da escola transformando este espaço num local privilegiado, onde o saber não é seu único universo, mas também o de preparar indivíduos críticos e prontos para a vida em sociedade.

¹ VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto Político Pedagógico da Escola**: uma construção coletiva. 1998. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/36221810/VEIGA>> Acesso em: 03/09/2010.

A identidade da escola só se constrói nas relações entre os agentes do processo educativo. A escola deve promover o envolvimento entre professores, funcionários, alunos, pais, família e comunidade.

O professor e o aluno são agentes principais desse processo, entretanto todos os envolvidos no processo educativo desempenham funções importantes e precisam ser valorizados, já que estabelecem vínculos com os alunos, e nesse sentido, são educadores também.

Outro agente de especial importância na construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) é a família. Ela é a grande responsável pela formação e construção de valores dos nossos alunos. À família, cabe a tarefa de estruturar o sujeito em sua identificação, individualidade e autonomia. Ela tem de se aproximar da escola e não delegar a ela funções que são suas.

O Projeto Político Pedagógico é um documento que serve de base e de orientação para toda e qualquer ação desenvolvida na instituição de ensino. Ele deve ser desenvolvido num conjunto entre direção, professores, funcionários, pais e o alunado, levando em consideração a opinião e as necessidades de todas as categorias mencionadas (VEIGA, 1998).

Dentro do PPP da EMEF Sen. Salgado Filho fui encontrar subsídios para o desenvolvimento do Projeto África, pois o mesmo contempla o respeito à diversidade como um de seus temas.

A partir do trabalho desenvolvido durante meu estágio curricular, pude perceber nos alunos, em algumas situações, que o assunto diversidade étnico-racial e cultural era novidade para eles. Tal fato chamou-me a atenção, uma vez que a Lei 10.639 já está em vigor desde o ano de 2003, então certamente este assunto não deveria mais ser novidade para alunos que estão frequentando o ensino fundamental desde o ano de 2005.

O preconceito, infelizmente, está presente no nosso cotidiano, na sociedade como um todo, e na escola ele ainda aparece, às vezes, de uma forma velada, a começar pela omissão ao tratar do tema nos currículos escolares. Muitas vezes os próprios alunos, dizendo-se livre de preconceito, acabaram por descobrir que o preconceito está dentro de cada um.

Um olhar atento sobre a realidade do povo brasileiro mostra uma sociedade multirracial e pluri-étnica que faz de conta que o racismo, o preconceito e a discriminação não existem. No entanto, afloram a todo o momento, ora de modo velado, ora escancarado, e estão presentes na vida diária (MUNANGA, 2001, p. 185).

A pesquisa a seguir foi desenvolvida junto à turma do quinto ano do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Sen. Salgado Filho. Ela baseou-se também nas observações feitas por mim, enquanto professora estagiária no semestre anterior, durante o desenvolvimento do Projeto África.

Os procedimentos de coletas de dados e recursos utilizados foram a observação comunicativa, com anotações de falas utilizadas em sala de aula e nas perguntas feitas aos alunos.

Participaram da pesquisa os vinte e dois alunos do quinto ano (9) B, que participaram do projeto África. Ao final do projeto, a toda a turma foi convidada a responder as seguintes questões:

a) Você já presenciou atitudes de discriminação racial na escola? Conte como foi que aconteceu?

b) Como seus professores posicionam-se frente a essa situação?

c) Você já estudou sobre História e Cultura Afro-Brasileira em anos anteriores?

d) Quais foram as aprendizagens mais significativas que você teve no Projeto África desenvolvido esse ano com seus colegas?

4.1 Atitudes de Discriminação Racial na Escola

A escola é responsável pelo processo de socialização infantil no qual se estabelecem relações com crianças de diferentes núcleos familiares. Esse contato diversificado poderá fazer da escola o primeiro espaço de vivência das tensões raciais.

A pesquisa a seguir tem como objetivo principal compreender como são construídas as relações raciais no espaço escolar e como elas contribuem para a formação de uma sociedade que respeite e cresça com a diversidade.

Na pergunta inicial: Você já presenciou atitudes de discriminação racial na escola? Conte como foi que aconteceu? Os alunos relataram da seguinte forma:

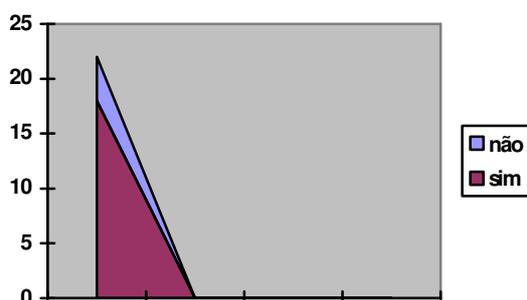


Figura 1: Atitudes de discriminação racial na escola

Do total de alunos entrevistados, dezessete admitem já ter presenciado situações de racismo dentro da escola e cinco alunos disseram nunca ter presenciado. Segundo eles, as manifestações racistas acontecem durante brigas e xingamentos, nos quais as pessoas costumam falar palavrões e até mesmo em brincadeiras de mau gosto em que os colegas falam da sua cor de pele, do cabelo ou até mesmo acabam fazendo comparações com animais.

Uma aluna admitiu ser racista antes do Projeto África fazendo o seguinte comentário: “eu era racista agora não sou mais, pois aprendi que devemos ser todos amigos e nos respeitar.”

Outro aluno fez o seguinte comentário: “não vi nenhuma atitude de racismo, mas se visse eu ia ficar muito triste.”

Segundo Santos,

A sala de aula é espaço privilegiado para a reflexão, discussão e elaboração de propostas para que tenhamos uma sociedade mais justa e igualitária em todos os sentidos (2008, p. 61).

Através das respostas é possível perceber que a escola não pode se omitir e deve estar atenta a manifestações racistas. O professor precisa estar atento a situações de conflito devendo oportunizar para o debate e saber aproveitar situações como essas para explorar o tema, levando a turma a manifestar-se e refletir sobre tais atitudes.

4.2 Atitude dos Professores Frente à Discriminação Racial

Na pergunta: Como seus professores posicionam-se frente a essa situação? Os alunos relataram da seguinte forma:

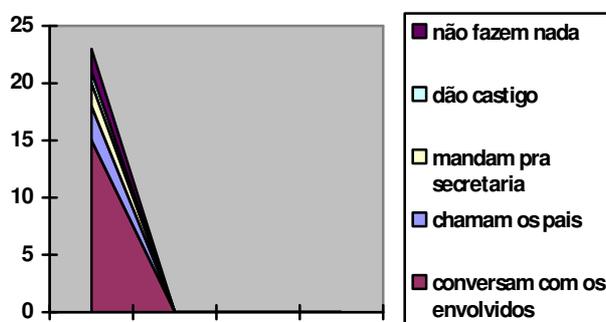


Figura 2: Posicionamento dos professores frente a situação

Os alunos relataram da seguinte forma: do total de entrevistados, quinze entendem que os professores conversam com os alunos envolvidos. Três alunos citaram que os professores levam os alunos para a secretaria, para conversar com a equipe diretiva. Um aluno disse que o professor dá castigo, outro disse que os pais em alguns casos são chamados. Dois alunos mencionaram que, segundo eles os professores nada fazem.

Nesta questão duas alunas fizeram os seguintes comentários: “Certamente minha professora tomaria uma atitude como se fosse uma segunda mãe.” “Acho que com responsabilidade, eles, os professores sempre sabem o que fazer”.

A partir dos comentários das alunas é possível perceber que elas esperam alguma atitude positiva por parte dos professores, com o intuito de coibir a discriminação dentro da escola.

Segundo Freire,

Está errada a educação que não reconhece a justa raiva, na raiva que protesta contra as injustiças, contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência um papel altamente formador (1996, p. 45).

4.3 Conhecimento e Estudo Acerca da História e Cultura Afro-Brasileira e Anos Anteriores

Na pergunta: Você já estudou sobre História e Cultura Afro-Brasileira em anos anteriores? Os alunos relataram da seguinte forma:

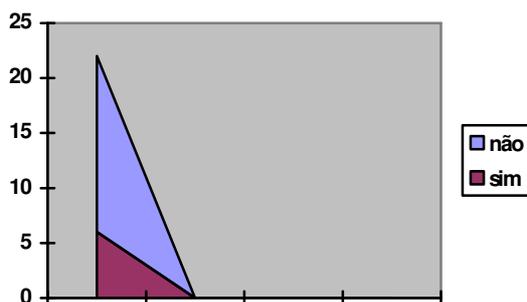


Figura 3: Alunos que já estudaram história e cultura afro-brasileira em anos anteriores

Do total de alunos entrevistados, seis alunos disseram já ter estudado sobre este tema em anos anteriores e dezesseis alunos disseram não ter tido qualquer contato com a História e Cultura Afro-Brasileira.

Apesar da Lei 10639/2003 já estarem vigor há sete anos, ela ainda não está recebendo a visibilidade merecida.

Laureano *apud* Macedo diz que:

Nada se dizia; nada se fazia; nada era exposto de forma ampla quando se tratava do estudo da História da África e da Cultura afro-brasileira. As produções acadêmicas, os trabalhos pedagógicos não se aproximavam das escolas e, portanto, não traziam resultados que representassem mudanças na forma de se ver e pensar o negro no Brasil (MACEDO, 2008, p. 211).

Trabalhar um conteúdo novo no currículo escolar é difícil tanto para professores quanto para os alunos. Há um entrave inicial, porque os professores não tiveram este conteúdo na universidade, há pouco tempo vem se produzindo materiais sobre o tema. Daí a importância da qualificação permanente do professor para buscar a base necessária para aplicar um bom projeto em sua turma.

4.4 Aprendizagens mais Significativas Durante o Projeto África

Na pergunta: Quais foram as aprendizagens mais significativas que você teve no Projeto África? As respostas foram bem variadas.

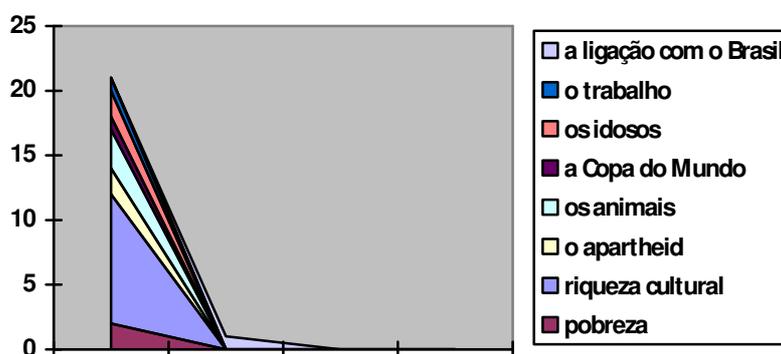


Figura 4: Aprendizagens mais significativas no projeto África

Para dez alunos, a riqueza cultural dos africanos foi que mais lhe causou interesse. Outros dois alunos citaram as questões do *apartheid*. Três alunos interessaram-se pela diversidade de animais, especialmente os selvagens. Apenas um aluno citou a Copa do Mundo 2010, outro citou as formas de trabalho desenvolvido pelos africanos e outro considerou muito importante a ligação africana com a construção do nosso país. Três alunos citaram a pobreza como fato muito marcante e um aluno mencionou a maneira como são tratados os idosos e seus saberes.

Ao realizar a pesquisa, imaginava que os alunos iriam citar fatos relacionados à Copa do Mundo. Felizmente o assunto copa do Mundo foi apenas um dos temas que surgiram. Os alunos entenderam a riqueza do trabalho e hoje tratam do tema com muita propriedade e maturidade. Isso é possível de perceber em suas falas ou postagens feitas no blog criado pela turma durante o Projeto África. A poesia abaixo foi criada pela aluna Andressa M. Reis durante o mês de junho, no final do projeto e postada no blog: http://alunosdasalgado.blogspot.com/2010_06_01_archive.html

A África

A África é um continente muito estudado

Mas também muito mal cuidado.

A África é meio assim... um pouco feia e sem vida,
por outro lado é muito colorida.

Tem gente que pensa assim: “que gente pobre”

Mas não sabem que os africanos, são gente muito nobre.

Muitos diamantes... muito ouro...muito verde...

mas nada daquilo vence, aquela fome e sede.

Andressa Medeiros Reis

5 A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL E CULTURAL SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES

Procurando ampliar minhas buscas sobre a diversidade sob a ótica das crianças, realizei uma pesquisa como forma de saber o que pensam os professores sobre as questões da diversidade étnico-racial e cultural. Cada entrevistado respondeu as sete questões que se encontravam em um guia de perguntas seguindo uma estruturação planejada.

A educação deve estar comprometida com um projeto coletivo de mudança social que contemple a todos os grupos étnicos, as diferenças devem ser encaradas como uma fonte enriquecedora de conhecimento. Para isso, o aluno precisa descobrir-se membro da sociedade em que vive, só assim será capaz de promover a verdadeira democracia e cidadania.

Lopes diz que:

As pessoas não herdam geneticamente ideias de racismo, sentimentos de preconceito e modos de exercitar a discriminação. Elas se tornam racistas, preconceituosas e discriminadoras no convívio social, em diferentes grupos e, de modo muito particular na família, situação muitas vezes, fortalecida pela escola (2008, p.145).

Ou seja, é preciso buscar meios para cessar este tipo de comportamento. É preciso abrir um espaço para a reflexão com o objetivo de sensibilizar a todos os integrantes do processo ensino-aprendizagem de que cada um é importante papel na construção das identidades. Só assim poderemos provocar mudanças voltadas a experiências positivas no que diz respeito à diversidade.

Segundo Lopes (2008, p. 186), “Forçoso ainda é reconhecer, porém, que muitos professores não sabem como proceder.” Por outro lado, a escola

está comprometida com um projeto coletivo de mudanças sociais, no qual não há receitas prontas.

Cada escola deve buscar, dentro de sua realidade, a partir de suas experiências, a melhor maneira de abordar o tema diversidade. Somente a partir de um verdadeiro trabalho embasado no respeito à diversidade é que se poderá atingir o seu entorno, ou seja, a comunidade onde este aluno está inserido.

Freire diz que:

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado (1996, p. 46).

Durante o desenvolvimento do meu projeto de estágio, percebi certa curiosidade por parte dos colegas professores sobre o trabalho que meus alunos estavam desenvolvendo, especialmente porque eles utilizavam com muita frequência o Laboratório de Informática.

Enquanto citava o desenvolvimento do Projeto África uma colega disse: “Ah, é por causa da Copa do Mundo que eles estão estudando a África”. Respondi a ela, então, que a curiosidade partiu da turma e que eles tinham outras curiosidades além da Copa do Mundo.

Convidei a colega a acessar o blog da turma e visitar a nossa sala, lembro-me de sua fala: “Eu nunca vi uma turma escolher o que gostaria de aprender, como eles ficam calmos e concentrados em frente ao computador”.

Certamente o computador foi um grande aliado durante o desenvolvimento do projeto, entendo que o sucesso deu-se também pelo fato da turma estar muito motivada e ter objetivos bem claros para o trabalho, as perguntas que queriam que fossem respondidas.

Após o término do Projeto África, desenvolvi uma pesquisa junto aos meus colegas professores para que respondessem as seguintes questões:

a) Você já presenciou atitudes de discriminação racial na escola?
Como você vê isso?

b) Em sua opinião, a escola em que você atua posiciona-se de maneira a impedir situações de discriminação étnico-raciais?

c) Nesses casos, como é feita a intervenção pedagógica?

d) Você conhece a Lei 10.639/2003 que trata da obrigatoriedade do ensino História e cultura Afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares? Ela é cumprida na sua escola?

e) Qual sua opinião sobre a obrigatoriedade da Lei?

f) Em suas aulas você reflete criticamente com seus alunos sobre questões étnico raciais ou a escravidão?

g) Ela pode realmente alcançar realmente um resultado positivo na diminuição da desigualdade dentro do ambiente escolar?

Participaram da pesquisa os professores que se dispuseram a colaborar, apenas oito. Todos eles trabalham no turno da manhã com alunos da educação infantil ao sexto ano, por unidocência ou área.

5.1 Atitudes de Discriminação Racial na Escola

Na pergunta: Você já presenciou atitudes de discriminação racial na escola? Como você vê isso? Os professores responderam da seguinte forma:

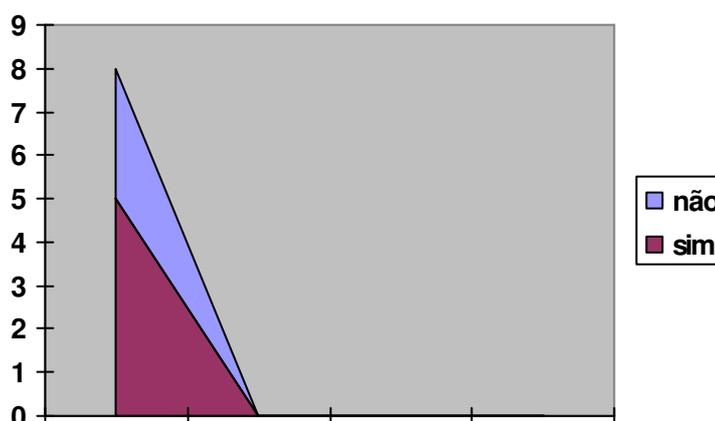


Figura 5: Professores que já presenciaram atitudes de discriminação racial na escola

Do total de professores entrevistados, três disseram nunca ter presenciado nenhum tipo de atitude de discriminação racial na escola.

Cinco professores disseram já ter presenciado atitudes de discriminação dentro do ambiente escolar. Eles entendem que este fato deve-se a falta de valores familiares, a um retrocesso educacional ou ainda culpam o meio em que estes alunos estão inseridos.

Segundo Morin (2001, p. 56), a cultura é constituída pelo conjunto de saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmitem de geração em geração.

Desta forma, a escola deve ter a ciência de que o aluno traz uma bagagem cultural muito forte que muitas vezes vem carregada de preconceito racial e, na maioria das vezes, os alunos nem percebem como tal, pois para eles isso é uma atitude natural, que vem de berço.

Segundo Freire,

Cultura é tudo o que é criado pelo homem. Tanto uma poesia, como uma frase de saudação. A cultura consiste em recriar e não repetir. O homem pode fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo (1979, p. 30-31).

5.2 Posicionamento da Escola Frente a Atitudes Discriminatórias

Na pergunta: Em sua opinião, a escola em que você atua posiciona-se de maneira a impedir situações de discriminação étnico-raciais? Os professores responderam da seguinte forma:

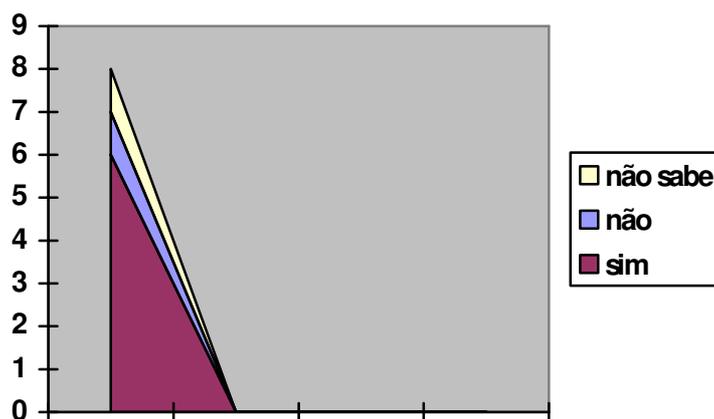


Figura 6: Posicionamento da escola sobre questões étnico-raciais

Do total de professores entrevistados, seis disseram que a escola impede situações de discriminação e isso acontece através do diálogo permanente. Contudo foi ressaltado também que o corpo técnico, ou seja, orientadores educacionais e professores são insuficientes para suprir a demanda de problemas em geral.

Um professor disse que não sabe o posicionamento da escola, uma vez que trabalha há pouco tempo, e outro professor não percebeu até hoje nenhuma atitude de discriminação no ambiente escolar.

É preciso entender que as situações de preconceito estão dentro da escola e o professor deve ficar atento para fazer deste problema um desafio a ser enfrentado através de um diálogo franco e esclarecedor, objetivando acabar com as práticas discriminatórias e reforçando a autoestima dos alunos que foram vítimas.

Sant'Ana *apud* Munanga diz que:

Todos nós sabemos que o racismo é muito forte nos dias atuais, mas também cresce o nível de consciência de que o racismo é maléfico e precisa ser combatido, denunciado, eliminado. E sua postura crítica como professor diante desta luta e denúncia é de fundamental importância (2001, p. 32).

5.3 A intervenção Pedagógica nos Casos de Discriminação

Na pergunta: Nesses casos como é feita a intervenção pedagógica? Os professores responderam da seguinte forma:

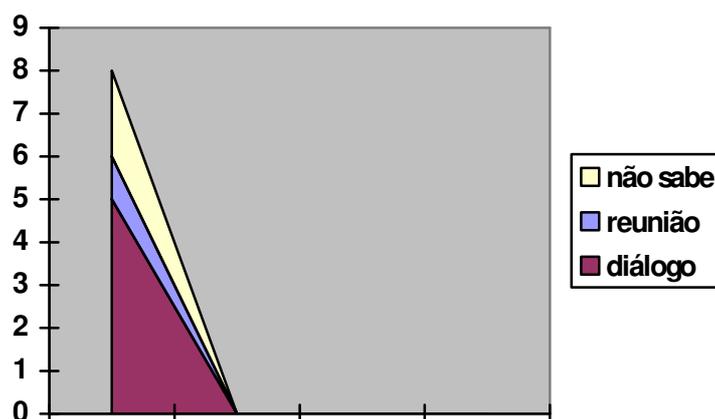


Figura 7: Intervenção pedagógica em casos de discriminação

Do total de professores entrevistados, cinco citaram o diálogo como forma mais eficaz de intervenção. Um professor citou que problemas acabam sendo levadas para reunião com todo o grupo e dois professores não sabem como se dá a intervenção nesses casos.

A intervenção pedagógica eficaz passa especialmente pelo diálogo. É preciso explicitar as diferenças dos fenótipos, valorizando sempre a diversidade e o crescimento que é gerado nessa partilha. É importante que o aluno tenha contato com diferentes realidades e saberes que irão, somados a suas experiências, criar novos saberes.

Freire (1991, p. 156) aborda que a multiculturalidade não se constitui na justaposição de culturas, muito menos no poder exacerbado de uma sobre as outras, mas na liberdade conquistada, no direito assegurado de mover-se cada cultura no respeito uma da outra correndo o risco livremente de ser diferente sem medo de ser diferente.

5.4 O Conhecimento da Lei 10639/2003

Na pergunta, Você conhece a Lei 10.639/2003 que trata da obrigatoriedade do ensino História e cultura Afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares? Ela é cumprida na sua escola? Os professores responderam da seguinte forma:

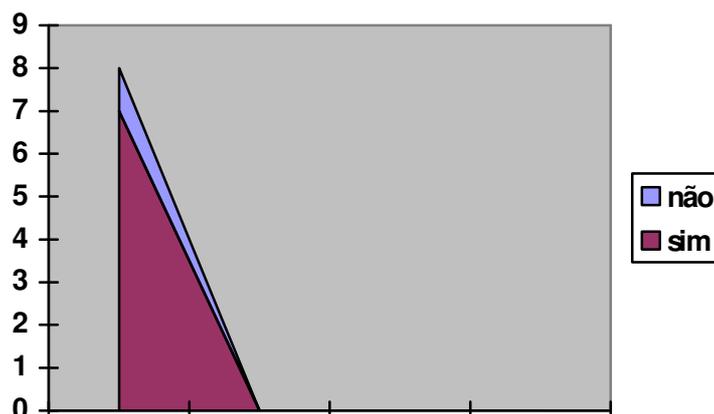


Figura 8: Conhecimento da Lei 10.639/2003

Do total de professores entrevistados, sete citaram que conhecem a Lei 10.639/2003 e um professor disse que desconhece tal Lei.

Os professores que conhecem a Lei dizem que ela não é cumprida como deveria, ela é cumprida por uma pequena parte dos professores, normalmente durante as datas comemorativas.

É preciso transformar essa Lei em um instrumento pedagógico. Para isso faz-se necessário que os sistemas de ensino em todos os níveis e instâncias (formação de professores, processo ensino-aprendizagem e

sociedade em geral) façam um esforço conjunto em busca de uma verdadeira educação inclusiva e cidadã.

É fundamental para isso que todos sejam chamados para a construção de uma nova escola que contemple a todos os cidadãos que construíram com muita luta este país. Diz Lopes (2008) que “O desconhecimento da cultura e da história dos afro-brasileiros contribui para a não valorização de parcela expressiva da população.”

Educadores e educandos devem se apropriar dos saberes da história e Cultura Afro-brasileira e africana, assim como promover a leitura crítica da história que foi contada até hoje.

5.5 A Obrigatoriedade da Lei 10639/2003

Na pergunta: Qual sua opinião sobre a obrigatoriedade da Lei? Os professores responderam da seguinte forma:

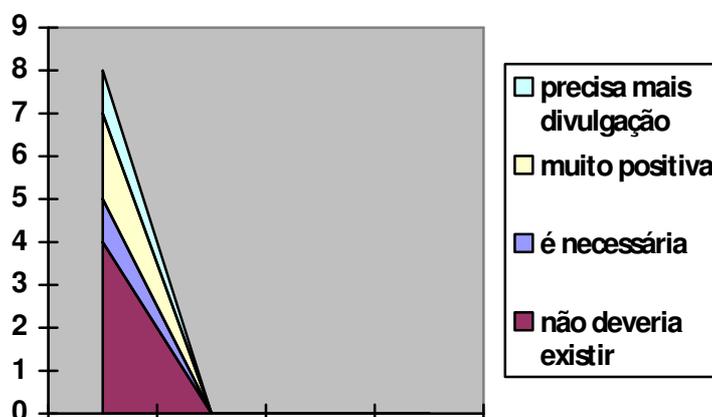


Figura 9: Obrigatoriedade da Lei 10.639/2003

A metade dos docentes entende que não deveria existir lei para tratar de um assunto tão óbvio. Um professor considera necessária a existência da lei para que as ações realmente sejam efetivadas, dois consideram a lei muito positiva. Um professor sente necessidade de maior divulgação da lei.

A Lei 10.639/2003 representa uma conquista do Movimento Negro que há muito tempo vinha lutando por uma valorização das origens do povo negro. Laureano (2008, p. 211) aborda que “nada se dizia; nada se fazia; nada era exposto de forma ampla quando se tratava do estudo da história da África e da Cultura afro-brasileira”.

As produções acadêmicas e os trabalhos pedagógicos não se aproximavam da escola e não havia mudanças na forma de se ver e pensar o negro no Brasil. Hoje este quadro vem mudando aos poucos, não obstante ainda trata-se de um tema relativamente novo no currículo, e trabalhar um assunto novo pode causar certa insegurança nos professores.

Segundo Freire (1996), não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino, ou seja, o professor precisa em sua formação permanente assumir-se como um pesquisador, aquele que busca e aprende sempre.

5.6 Reflexões Acerca das Questões Étnico-Raciais e da Escravidão nas Aulas

Na pergunta: Em suas aulas você reflete criticamente com seus alunos sobre questões étnico raciais ou a escravidão? Os professores responderam da seguinte forma:

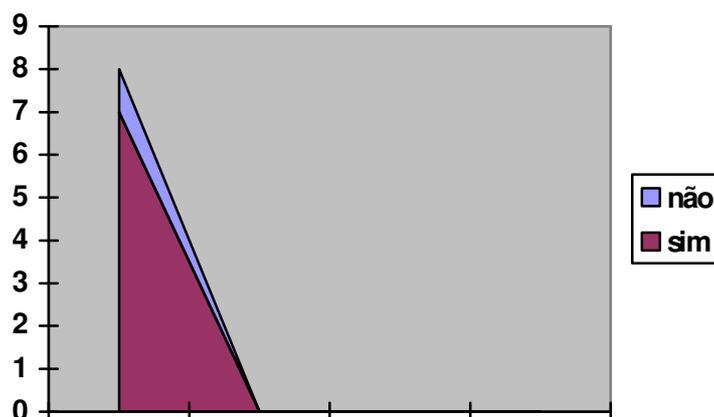


Figura 10: Reflexões acerca das questões étnico-raciais e da escravidão nas aulas

Do total de professores entrevistados, sete citaram que refletem acerca das questões étnico-raciais e da escravidão nas aulas. Essa reflexão, segundo eles acontece quando surge o assunto em algum filme, reportagem ou texto e especialmente durante a Semana da Consciência Negra. Um professor relatou que não trabalha essas questões.

Gomes (2001) diz que “aos poucos vem crescendo o número de educadores que desejam dar um tratamento pedagógico á questão racial.” Esse movimento tem impulsionado a escola a pensar sobre a necessidade de criar estratégias de combate ao racismo e de valorização da população negra na educação.

5.7 Diminuição da Desigualdade a Partir da Lei

Na última pergunta: Ela pode realmente alcançar realmente um resultado positivo na diminuição da desigualdade dentro do ambiente escolar? Todos os professores foram unânimes ao responder positivamente, no entanto, salientam a importância fundamental da família em parceria com a escola na difusão de valores básicos que muitas vezes os alunos não trazem de casa. É preciso desconstruir um preconceito histórico que ainda causa muito mal estar dentro e fora da escola.

A lei sozinha, esquecida numa gaveta qualquer, nada pode fazer para diminuir as manifestações de discriminação. É preciso encarar de frente o problema, aprendendo a identificar ações do nosso dia a dia, dentro e fora da escola, pois enquanto a escola ficar fazendo de conta que o preconceito não existe, continuarão acontecendo barbáries como ofensas ou ainda a morte de negros, confundidos com assaltantes.

Marcelo Yuka, compositor da banda “O Rappa”, em sua música: *Todo o camburão tem um pouco de Navio Negreiro*, aborda como os negros são tratados no cotidiano, durante as abordagens policiais.

“É mole de ver
Que em qualquer dura
O tempo passa mais lento pro negão
Quem segurava com força a chibata
Agora usa farda
Engatilha a macaca
Escolhe sempre o primeiro
Negro pra passar na revista
Pra passar na revista.”

“É mole de ver
Que para o negro
Mesmo a aids possui hierarquia
Na África a doença corre solta
E a imprensa mundial
Dispensa poucas linhas
Comparado, comparado
Ao que faz com qualquer
Figurinha do cinema.”

Composição: Marcelo Yuka – O Rappa

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho abordou a diversidade étnico-racial, cultural e suas repercussões no ambiente escolar, a fim de relatar descobertas feitas durante a prática do Estágio Supervisionado, por mim realizado na EMEF Sen. Salgado Filho no primeiro semestre deste ano.

Por tudo que já foi escrito, é possível perceber que a Lei 10.639/2003 mesmo após anos de luta do Movimento Negro ainda caminha a passos muito lentos. Essa lei, quando criada, abriu um espaço para debates e pesquisas nos mais diferentes aspectos. Entretanto, esse espaço ainda é pequeno diante da importância do tema para a sociedade brasileira. A intenção deste trabalho foi a de refletir sobre o papel da escola perante a contribuição dos diversos grupos que compõem a nossa sociedade.

A partir dos dados da pesquisa, não há como negar que a discriminação em relação a diversidade está presente no cotidiano escolar e isso não pode mais continuar assim. É preciso que a escola e os professores tenham um mesmo posicionamento, norteado pelo PPP, para que a Lei 10.639/2003 seja efetivada.

Diante do exposto, considero de suma importância que a escola contemple sem desconhecer os demais, os brasileiros descendentes de africanos como verdadeiros cidadãos brasileiros. É preciso que professores e alunos conheçam a História e cultura afro-brasileira, promovendo uma leitura do mundo, criando visibilidade do povo afro-brasileiro, favorecendo a promoção da verdadeira cidadania e igualdade étnico racial.

No decorrer da formação acadêmica e profissional, temos frases e pensamentos que sempre nos acompanharam, por isso reporto-me a uma

frase de Rossana Ramos, que vem de encontro com o sentimento que nos toma, a respeito da escola que idealizamos. Ela diz:

Na minha escola se aprende que não existe perfeição e que todos nós precisamos é de carinho e atenção. Que bom se todo mundo, pudesse entender direito, que tudo fica mais fácil, sem o tal do preconceito (2004, p. 17).

Este estudo, não tem a pretensão de esgotar as questões aqui levantadas, mas, relatar as descobertas feitas durante o projeto de Estágio e especialmente desacomodar alunos e professores para uma reflexão mais crítica sobre as questões étnico-raciais no ambiente escolar. Dessa forma, a escola estará exercitando a pedagogia do respeito, da autonomia, da inclusão, e da emancipação, direcionada verdadeiramente ao combate a todas as formas de discriminação.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

MACEDO, José Rivair. **Desvendando a História da África**. Porto Alegre: UFRGS, EDITORA, 2008.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia Diferenciada**: das intenções às ações. Porto Alegre: Artemed, 2000.

RAMOS, Rossana. **Na Minha Escola Todo Mundo é Igual**. [s.l]: [s.e], 2004

REIS, Andressa. **A África**. Disponível em:
<<http://alunosdasalgado.blogspot.com/>> Acesso em: 03/09/2010.

SANTOS, José Antônio dos; CAMISOLÃO, Rita de Cássia; LOPES, Véra Neusa (Org.). **Tramando Falas e Olhares, Compartilhando Saberes**: Contribuições para uma educação anti-racista no cotidiano escolar. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto Político Pedagógico da Escola**: uma construção coletiva. 1998. Disponível em:
<<http://www.scribd.com/doc/36221810/VEIGA>> Acesso em: 03/09/2010.

ANEXO A – A Pesquisa com Alunos

Queridos alunos estou desenvolvendo meu TCC sobre as questões étnico-raciais no ambiente escolar e preciso da sua colaboração para responder as questões a seguir. Obrigada, profe Fabi.

a) Você já presenciou atitudes de discriminação racial na escola? Conte como foi que aconteceu?

b) Como seus professores posicionam-se frente a essa situação?

c) Você já estudou sobre História e Cultura Afro-Brasileira em anos anteriores?

d) Quais foram as aprendizagens mais significativas que você teve no Projeto África desenvolvido esse ano com seus colegas?

ANEXO B – A Pesquisa com Professores

Colegas estou desenvolvendo meu TCC sobre as questões étnico-raciais no ambiente escolar e preciso da sua colaboração para responder as questões a seguir. Obrigada, profe Fabi.

a) Você já presenciou atitudes de discriminação racial na escola? Como você vê isso?

b) Em sua opinião, a escola em que você atua posiciona-se de maneira a impedir situações de discriminação étnico-raciais?

c) Nesses casos, como é feita a intervenção pedagógica?

d) Você conhece a Lei 10.639/2003 que trata da obrigatoriedade do ensino História e cultura Afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares? Ela é cumprida na sua escola?

e) Qual sua opinião sobre a obrigatoriedade da Lei?

f) Em suas aulas você reflete criticamente com seus alunos sobre questões étnico raciais ou a escravidão?

g) Ela pode realmente alcançar realmente um resultado positivo na diminuição da desigualdade dentro do ambiente escolar